

CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO

Campanha
reforça
prevenção
da doença

SAÚDE - Pará está entre os estados do Brasil com menores taxas de incidência destes tipos de câncer

FABYO CRUZ
Da Redação

No Brasil, os dados referentes ao diagnóstico de cânceres de cabeça e pescoço, com exceção da tireóide, são alarmantes. Em média, 76% dos casos só são diagnosticados em estágio avançado, o que dificulta o tratamento, além de elevar a taxa de mortalidade. Assuntos como esse ganham maior visibilidade por conta do dia 27 de julho, quando é celebrado o Dia Mundial de Prevenção do Câncer de Cabeça e Pescoço. Ações para promover informação ao problema são reforçadas ao longo do mês de

julho, com a campanha Julho Verde.

O Pará está entre os estados do Brasil com menores taxas de incidência de câncer de cavidade oral. Dados da plataforma Observatório Global do Câncer (GCO) mostram que 4,4 corresponde para cada 100 mil homens e 3,8 para cada 100 mil mulheres. Em relação à laringe as taxas são ainda menores, chegando a menos de 3,0 para ambos.

Os cânceres de cabeça e pescoço englobam tumores da cavidade oral, faringe, laringe e cavidade nasal. Esses tipos de cânceres ocorrem predominantemente em homens acima de 40 anos. O tabagismo e o excesso de álcool



Luís Eduardo Werneck lista algumas razões que podem explicar a baixa taxa de incidência entre os paraenses

“As incidências de câncer de cabeça na região Sul são praticamente o dobro das do Pará”

ol são grandes fatores de risco. Em 2019, segundo dados do Instituto Nacional de Câncer (Inca), foram 20.722 mortes por câncer de cabeça e pescoço.

Luís Eduardo Werneck, oncologista e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia (SBC), lista algumas razões que explicam a baixa taxa de incidência entre os paraenses. “Essas baixas taxas de incidência talvez possam refletir a condição de clima. Geralmente fuma-se mais em locais com clima temperado ou subtropical”, disse o especialista.

“As incidências de câncer de cabeça na região Sul são praticamente o dobro das do Pará. Com relação à bebida alcoólica, apesar de nós acharmos que o paraense consome muito álcool, o Pará é o décimo segundo estado brasileiro em consumo de álcool per capita por habitante”, completou o oncologista.

De acordo com o médico, a vacinação do HPV para os meninos de 11 a 14 anos e para meninas de 9 a 14 anos, é um dos principais recursos desenvolvidos para prevenir cânceres.

Saiba como evitar a doença:

- Não fumar
- Evitar o consumo de bebidas alcoólicas
- Ter alimentação rica em frutas, verduras e legumes
- Manter boa higiene bucal
- Usar protetor solar e evitar exposição ao sol prolongada
- Usar preservativo (camisinha) na prática do sexo oral
- Manter o peso corporal adequado
- Vacinação do HPV para os meninos de 11 a 14 anos e para meninas de 9 a 14 anos

FONTE: SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA DE CABEÇA E PESCOÇO. SITE DA PROGE/UFPA. SITE DA UNICAMP.

DOENÇA RARA

Família faz campanha para ajudar bebê

CAMILA AZEVEDO
Da Redação

A pequena Laura Carrera foi diagnosticada com cranioestenose, doença que atinge a região da cabeça de forma progressiva e precisa de ajuda para continuar o tratamento, avaliado em cerca de R\$ 120 mil. A deformidade é devido ao fechamento precoce de uma ou mais suturas cranianas, geralmente descoberta nos primeiros meses de vida, momento indicado para iniciar os cuidados. Para evitar que os danos para a saúde da criança sejam maiores, uma cirurgia de alto risco precisa ser realizada o quanto antes.

A doença foi descoberta após Laura gripar e precisar de atendimento médico de emergência. Stefany Maya, a mãe, e Max Adalberto, o pai, procuraram o hospital do plano de saúde que pagam. A médica no plantão desconfiou da simetria da cabeça da criança e aconselhou os pais a falarem sobre o assunto com a pediatra de costume, que nunca havia tirado medidas do crânio (não tem os registros na caderneta de acompanhamento). Foi só então, que o exame de tomografia foi solicitado por um neurologista, vindo o resultado de cranioestenose.

A família fala em negligência da parte médica que atendeu Laura desde o início. O neurologista não encaminhou a criança para um neurocirurgião depois do diagnóstico, o que era indicado, e, junto a isso, o plano de saúde não tem este especialista em seu catálogo de atendentes. A indicação foi procurar um geneticista para saber se

o problema era genético. Somente depois de meses, o convênio particular conseguiu a consulta, marcada para o próximo mês.

Atualmente com 1 ano e 8 meses, Laura apresenta atraso no desenvolvimento e irritabilidade desde cedo, devido a doença rara. Alguns sinais sempre foram percebidos, como dificuldade para começar a andar, segurar alimentos e objetos. Stephany lamenta a descoberta tardia do problema. “O único tratamento é de forma cirúrgica, mas tudo isso foi descoberto só em maio. Se nós soubéssemos antes, seria muito melhor, já que o resultado de uma excelência cirúrgica é nos primeiros meses de vida, mas os médicos só conseguiram descobrir a deformidade neste período”, disse.

O processo de cirurgia pode ser realizado pela rede pública, mas devido à demora na lista de espera, Stephany busca o procedimento de forma privada. Entretanto, o custo é alto demais e passa dos limites da família. “Infelizmente, a rede pública pede que a gente aguarde até agosto, mas querem que a gente aguarde uma posição para uma possibilidade de quando a Laura pode realizar a cirurgia. E por outro lado, o plano que pagamos não está nos auxiliando, já que há possibilidade dele negar a cirurgia”, afirmou.

Outras alternativas estão sendo buscadas pela família: a ideia é procurar ajuda fora do estado, em Fortaleza (CE), já que pelo sistema privado de saúde a resposta não têm sido dada de forma efetiva. “Estarei indo para Fortaleza resolver o caso da minha filha, já



Laud médico aponta cranioestenose, deformidade que atinge crânio e pode afetar o desenvolvimento neuromotor

que me foi concedida a oportunidade de realizar uma consulta com um neurocirurgião da cidade por meio das doações e ajuda que recebi”, diz.

Uma vaquinha virtual foi criada para ajudar Laura. Além de arrecadar doações para pagar a cirurgia, o objetivo é conscientizar os pais para os sinais da cranioestenose nas crianças. “As doações se iniciaram há um mês. Logo na primeira semana, muitas pessoas vieram nos ajudar e ainda estão nos ajudando, mandando mensagens e nos apoiando. Qualquer ajuda será bem-vinda”, destacou Stephany.

“Nós queremos deixar este assunto visível, para que outras famílias tenham noção dessa doença, porque é rara, apenas 2 mil crianças são diagnosticadas. Por isso, é importante que as mães tenham esse conhecimento e vão logo atrás de um especialista

Saiba como ajudar:

CAMPANHA AJUDE LAURA

Envio de qualquer quantidade por Pix para:

- **CPF:** 042.270.562-41
- **Nome:** Stephany Trindade Maia
- **Tipo de conta:** Caixa

Para transferência:

- **Banco Inter:** 077
- **Agência:** 0001
- **Conta:** 22202194-2
- **Nome:** Stephany Trindade Maia

Para mais informações: Instagram @stephanymaya189

para realizar o diagnóstico”, concluiu Stephan. (Colaborou: Vitória Reimão, estagiária, sob a supervisão do coordenador do Núcleo de Atualidades, João Thiago Dias)

DISTÚRBO

DF confirma um caso de raiva humana

A Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) confirmou ontem um caso de raiva humana. Segundo dados da pasta, até então, a última e única notificação na capital tinha sido em 1978. A SES-DF afirma que, por conta do caso, antecipou o início da vacinação antirrábica para hoje. No entanto, não tinha divulgado mais detalhes sobre a iniciativa até o início da tarde de ontem. As informações são do G1. Segundo a Secretaria de Saúde, “a raiva é uma doença infecciosa viral aguda, que acomete mamíferos e pode ser transmitida aos humanos (antropozoonose) pela mordedura, lambedura e arranhadura de animais infectados com o vírus da raiva”. O distúrbio é caracterizado por sintomas neurológicos e, de acordo com a pasta, é uma doença quase sempre fatal (praticamente 100% dos casos evoluem para óbito), para a qual a melhor medida de prevenção é a vacinação pré ou pós-exposição. O vírus é transmitido pela saliva dos animais. A SES-DF afirma que “o último caso diagnosticado de raiva em cães foi em 2000 e, em gatos, no ano de 2001”. Entre maio e junho deste ano, pelo menos quatro crianças e adolescentes morreram por raiva em Minas Gerais.